

Moralidade e Amor: Estudo de Caso com Mulheres Casadas Morality and Love: A Case Study with Married Women

Jussara Abílio Galvão¹, Heloisa Moulin de Alencar², Cláudia Broetto Rossetti³

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduada em Psicologia pela UFES - jussaraabgalvao@hotmail.com

²Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP. - heloisamoulin@gmail.com

³Pós-doutora pela USP. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP. - cbroetto.ufes@gmail.com

Recebido em 10 de novembro de 2016; Aceito em 19 de dezembro de 2016.

Resumo

Em uma perspectiva moral e ética, o objetivo deste estudo foi explorar aspectos pessoais da dinâmica amorosa de mulheres que estão casadas com os respectivos maridos desde os anos 1980, as concepções delas sobre o passado, o presente e o futuro das relações amorosas dos casais em geral. Entrevistamos duas mulheres de 48 e 52 anos, respectivamente, da classe média, no Espírito Santo. Utilizamos um questionário semiestruturado e realizamos, com base em Delval (2002), uma análise qualitativa dos dados. Os principais resultados demonstraram que, embora as participantes tenham proferido ser possível manter o amor no passado e no cotidiano, elas conceberam as relações amorosas dos casais em geral, atuais e futuras, caracterizadas pela fragilidade dos vínculos. Tal aspecto pode prejudicar a construção de um projeto de vida ético no qual o outro deve ser contemplado como um fim em si mesmo.

Palavras-chave: Amor. Mulheres. Moral. Ética. Cultura.

Abstract

From a moral and ethical perspective, this study aims at exploring particular aspects of the loving dynamics of women who have been married to their husbands since 1980, as well as their past, present and future expectations about love relationships in general. We interviewed two middle-class women, aged 48 and 52, in Espírito Santo. The semi-structured interviews underwent qualitative analysis of data based on Delval (2002). Our main data showed that, even though the two women had said to be possible to keep the love in past and in daily, they understand the present and future of love relationships in general as being characterized by the fragility of bonds. This can hinder the construction of an ethical life project in which the other should be considered as an end in him or herself.

Keywords: Women. Moral. Ethics. Culture.

INTRODUÇÃO

No entendimento de Lipovetsky (2005), no Ocidente, da Idade Média até o alvorecer do Iluminismo, os fundamentos morais alicerçavam-se no teocentrismo. Ou seja, eram os ideais cristãos, as adorações e as obrigações para com Deus que regiam toda a organização social. Por volta do século XVII, a moral passou a ser pautada na razão e na natureza humana. Assim, nas sociedades modernas, o dever ocupou o lugar que antes era destinado a Deus e houve a exaltação dos ideais de renúncia e de sacrifício de si e da prática dos deveres para com o outro e a sociedade.

O autor explicou que essa moral baseada no culto ao dever começou enfraquecer em meados do século XX. Dessa maneira, entramos na era da pós-moralidade, em que os ideais de sacrifício e de abdicção de si em prol do outro e da sociedade são deslegitimados, pois a busca pela felicidade, pelos direitos subjetivos, pela qualidade de vida e pela realização individual rege a moral do pós-dever. Essas mudanças pautam-se na lógica do consumismo capitalista que, por meio da publicidade e da facilitação ao crédito, contribui na busca pelos prazeres que se tornaram fidedignos, valorizados, incentivados e exonerados de culpa. Ainda, à medida que as normas de felicidade que se relaciona com a qualidade de vida individual se propagam, a consciência do remorso e do senso de responsabilidade moral para com outrem e a coletividade se dissolve.

Costa (2004) ainda ressaltou que atualmente as instituições tradicionais, como a família e a religião, não perderam completamente a sua influência na moral e no sentido da vida, mas estão sendo desgastadas pela 'moral do espetáculo'. Nesta, os meios para obter uma existência feliz e significativa são assimilados por intermédio da mídia na qual a moda e a ciência se expressam modificando os valores. Assim, as regras para alcançar a felicidade são pautadas na qualidade de vida e grande parte dos indivíduos é incentivada a imitar o modo de vida dos ricos e das celebridades. Estas últimas, devido à capacidade de aliar a moda e a ciência em benefício da 'moral do espetáculo', enaltecem e desaparecem subitamente com o momentâneo. Dessa maneira, quase tudo, do uso de drogas ilícitas aos ascetismos religiosos, passa a ser aceito e descartado instantaneamente. Ademais, o sujeito contemporâneo começa a visar apenas o cuidado de si, sendo insensível aos projetos de vida em longo prazo e aos compromissos para com o próximo, que apenas lhe interessa de forma instrumentalizada, com vistas a atingir vantagens econômicas, sociais, bem-estar físico e psíquico.

Ao refletir sobre essas mudanças, La Taille (2009) argumentou que o contemporâneo se caracteriza por uma 'cultura do tédio' e uma 'cultura da vaidade'. Na 'cultura do tédio', o presente emerge como a única referência para o homem, pois as tradições do passado e as expectativas para o futuro perdem credibilidade. Nesse contexto, valores, crenças e modos de comportamento se sucedem em intensa velocidade, de tal forma que "o que vale hoje talvez nada valerá amanhã" (p.37). Dessa maneira, as pessoas que passam a carregar de balizas para construir a personalidade e elaborar projetos de vida em longo prazo podem tornar-se hedonistas, almejando instantes de alegrias e de prazeres efêmeros, consumistas, aderindo ao descartável, ou seja, ao que não tem relação com as tradições do passado nem com perspectivas futuras e as relações humanas, em extensivo os enlances amorosos, efêmeros.

Na 'cultura da vaidade', o autor explicou que a valorização social é atribuída aos 'vencedores', isto é, àqueles que conseguem destacar-se para além dos outros. Desse modo, os que não alcançam essa posição social podem ser desprezados, considerados 'perdedores' e, assim, se sentir humilhados e/ou envergonhados. Daí as pessoas tendem a relacionar a si as marcas de visibilidade, por exemplo, usar roupas de grife e andar em carros luxuosos, e a imitar o estilo de vida das celebridades, visando se assemelharem aos 'vencedores'. Com isso, o outro, que deve ser contemplado com um fim em si mesmo, tem as suas necessidades e sentimentos desprezados.

Além de pensar sobre a cultura, La Taille (2006) definiu os planos psicológicos moral e ético, designan-

do a cada um dos termos respostas a duas distintas perguntas. Assim, a moral relaciona-se com a indagação ‘como devo agir?’, o que implica falar em deveres. O seu conteúdo pode variar de um indivíduo para o outro. Mas, no que se refere à sua forma, identifica-se em nós algo de comum, ou seja, um plano moral psicológico que nos impulsiona a agir de certas formas ao invés de outras. Tal elemento consiste no ‘sentimento de obrigatoriedade’.

Já a ética, no entender do autor responde à pergunta ‘que vida quero viver?’, direcionando-nos a busca por uma ‘vida boa que vale a pena ser vivida’. Vários conteúdos podem vir a contemplar esse projeto, por exemplo, a riqueza, a generosidade, a fama, a honestidade e a justiça. Mas, para que essa ‘vida boa’ seja considerada ética, ela deve relacionar-se a valores morais, como a justiça, a generosidade e a honra, e considerar o outro como um fim em si mesmo. Além disso, encontramos na ‘expansão de si próprio’ - ver a si mesmo como uma pessoa de valor - o invariante psicológico presente em todas as opções éticas. A ‘expansão de si próprio’ depende de uma avaliação subjetiva de estar ou não vivendo uma ‘vida boa’ e deve envolver a vida por inteiro, e não instantes de prazer.

Posto isso, La Taille (2006) esclareceu que o plano moral e o plano ético se articulam por meio dos seus invariantes psicológicos, pois para compreendermos as condutas morais dos homens se faz necessário conhecer a expectativa ética que escolhem para as suas vidas, ou seja, eleger ‘que vida eu quero viver?’ e ‘quem ser?’ interfere no modo ‘como devo agir?’.

Cabe ressaltar que consideramos que as mudanças culturais discutidas por Lipovetsky (2005), Costa (2004) e La Taille (2009) influenciam os caminhos que o plano moral e o plano ético podem seguir e, assim, trazerem implicações para a conjugalidade e para as demais formas de relações amorosas. Dessa maneira, passamos a expor considerações sobre os relacionamentos amorosos e o amor.

AMOR E OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Na concepção de Bauman (2004) os enlaces amorosos seguem a lógica do consumismo na qual os objetos devem ser rapidamente consumidos e descartados. Além disso, podem ser comparados aos investimentos financeiros em que entramos com dinheiro, tempo e esforços, almejando lucros. Assim, como ninguém jura fidelidade eterna às ações que acaba de comprar, não convém comprometer-se em uma relação em longo prazo, pois, ao agir dessa forma, fecham-se as portas para possibilidades românticas mais lucrativas e satisfatórias. Desse modo, os casamentos ‘até que a morte nos separe’ saíram de moda, estão sendo preteridos pelo estar junto em horários parciais e flexíveis. Também, ganham relevo os relacionamentos em redes virtuais cujas relações podem ser facilmente tecidas e desfeitas. E, como essas redes não exigem nada além do contato virtual, a nossa capacidade de manter um relacionamento em longo prazo vai perdendo-se.

Por sua vez, Jablonski (1991) e Guedes e Assunção (2006), ao refletirem sobre os fatores que estejam contribuindo para a crise nas relações amorosas, aludiram à inserção feminina no mercado de trabalho, que contribuiu para a emancipação financeira e sexual da mulher, que passou a buscar autonomia e mais igualdade nas relações de gênero. Assim, para Guedes e Assunção (2006), a mulher ganhou autonomia emocional, o que lhe permitiu expressar a sua sexualidade sem ser estigmatizada, constituir uma família monoparental, como mãe solteira, e vivenciar um relacionamento heterossexual e/ou independente de diferenças etárias e de classe econômica. Jablonski (1991) ainda ressaltou a pressão social para que mudemos o mais rápido possível de hábitos e de bens de consumo e Guedes e Assunção (2006) salientaram o aumento dos dispositivos tecnológicos que viabilizaram as relações amorosas não presenciais e o consumismo que, por meio da mídia, reforça a valorização do corpo e de seus estereótipos. Então, Guedes e Assunção (2006) constataram que os enlaces amorosos se tornaram fugazes, sendo mantidos pelos parceiros até quando forem satisfatórios para

ambos, pois o que prevalece na atualidade é a busca pelo crescimento pessoal e profissional.

Em relação a estudos empíricos, Smeha e Oliveira (2013) pesquisaram a percepção e as expectativas para as relações amorosas com oito jovens solteiros, entre 18 e 23 anos de idade, de ambos os sexos. Assim, as autoras constaram que os entrevistados buscam para o relacionamento alguém que corresponda às suas expectativas de prazer e de felicidade, ou seja, eles priorizam os seus interesses pessoais em detrimento dos do parceiro. Entendem os relacionamentos atuais como definidos pela individualidade, liberdade, superficialidade, descartabilidade, busca do prazer e impulsividade na tomada de decisões. Em relação às expectativas futuras para os enlances amorosos, eles aludiram que serão caracterizados pelo individualismo, o que leva os casais a morar em casas separadas, priorizando o trabalho e a carreira acadêmica, e que, no futuro, as relações serão pautadas na liberdade de vários padrões de relacionamento, como o homossexualismo.

Chaves (2010) examinou a compreensão de jovens sobre as relações amorosas no contemporâneo, entrevistando 12 sujeitos, de ambos os sexos, pertencentes à classe média, com idades entre 18 e 25 anos. Dessa maneira, ela concluiu que, no entender dos participantes, as relações amorosas atuais caracterizam-se pela instabilidade e pela ausência de compromisso entre as pessoas. Como justificativas para essas mudanças os jovens mencionaram o aumento e a facilitação dos casos de separação, o avanço da liberdade e da independência da mulher, a facilidade em que as relações sexuais ocorrem, a comercialização dos relacionamentos, a busca pelo prazer imediato, pela autossatisfação e o individualismo.

Costa e Mosmann (2015) exploraram a concepção de indivíduos que viviam em casamentos de longa duração sobre os relacionamentos conjugais no contemporâneo. Participaram do estudo cinco mulheres e quatro homens com idades entre 40 e 57 anos, tempo de casado entre 20 e 32 anos, com filhos. Os participantes explicaram que o respeito e a compreensão são ingredientes importantes para o casamento e que o companheirismo é construído ao longo da união conjugal. Por outro lado, esses sujeitos ponderaram que a mídia pode contribuir com a permissividade tanto para se aproximar quanto para se separar do outro e com a rapidez em que as relações amorosas começam e terminam.

Jablonski (1991) investigou questões relacionadas ao casamento em 400 pessoas de ambos os sexos, de classe média e igualmente divididos entre solteiros, casados e divorciados. Assim, o autor constatou que os entrevistados consideravam o amor como a principal motivação para o casamento. Os participantes solteiros mencionaram o amor, os demais o respeito mútuo, como elementos que contribuem para manter a união. E, considerando a amostra em geral, foram sublinhados o companheirismo e a comunhão de ideias. Jablonski (2010) ainda entrevistou 20 pessoas casadas, de ambos os sexos, entre 30 e 45 anos de idade, sobre questões pertinentes ao casamento. O autor notou que as mulheres valorizavam mais o respeito do que o amor como um aspecto que contribui para a manutenção do casamento. E, na pesquisa realizada por Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005) com 10 adolescentes de ambos os sexos, alguns dos entrevistados sublinharam o respeito como um fator que colabora com a permanência de um enlace amoroso.

Hendrick, Hendrick e Zacchilli (2011) estudaram o respeito como algo intrínseco e fundamental nas relações românticas por meio de um experimento em que um parceiro atribuía diferentes níveis de respeito, a saber: respeito moderadamente baixo e alto respeito ao outro. Participaram dessa pesquisa 314 universitários, 130 homens e 184 mulheres, com média de idade de 19 anos. As autoras verificaram maiores associações do amor altruísta, do compromisso e do sentir mais amor pelo outro, com o parceiro que proferiu ter um alto respeito pelo outrem. Assim, as autoras constaram que os graus do amor e do respeito estavam intimamente relacionados nas avaliações dos participantes.

Estrella (2011) averiguou o significado do amor com 19 moças e 13 rapazes com idades entre 15 e 17 anos. Assim, a autora verificou que a principal definição atribuída ao amor pelos entrevistados foi o respeito,

sendo seguido do sentimento, do carinho e da compreensão. Ainda a concepção de amor foi estudada por Alves et al. (2015) com 17 mulheres casadas de 20 e 30 anos. As entrevistadas consideraram como exemplo de amor o amor aos familiares e como conceito o sentimento, a doação, a compreensão e o respeito.

O amor também foi definido na filosofia por Comte-Sponville (1999, 2011) que apresentou distintas definições de amor, entre as quais ressaltamos *éros* e *philia*. Ele mencionou, para definir *éros*, os discursos de Aristófanes e de Sócrates em O Banquete de Platão. Assim, conforme Aristófanes, os nossos ancestrais eram duplos e, portanto, formavam uma unidade perfeita. Dotados de imensa força e bravura, almejavam escalar os céus e combater os deuses. Zeus, como forma de puni-los, cortou-os ao meio de cima a baixo, findando com a completude humana. Daí, passamos a buscar desesperadamente a nossa metade perdida e, quando a encontramos, temos o que se chama de amor, pois somente o amor é capaz de unir dois seres em um só e curar o homem da solidão.

O autor explicou que, para Sócrates, *éros* é o amor no qual desejamos o que nos falta e, dessa forma, nos condena à incompletude, à carência e ao sofrimento. Ainda é o amor-paixão que os casais sentem antes do matrimônio. Por outro lado, *philia* é o amor em que desejamos o que temos, somos e fazemos. *Philia* é a vida compartilhada, o prazer e a confiança mútua entre os casais e familiares, que o amor *éros* de Sócrates não pôde conter ou exaurir por inteiro. Então, a existência de casamentos felizes nos quais cônjuges continuam a se amar por anos pode estar pautada no fato de que o casal conseguiu passar do amor *éros*, a paixão insana e louca do início do namoro, à *philia*, o amor sensato vivido na conjugalidade.

Por fim, Jablonski (1991) ressaltou que o amor progride do amor paixão para o amor companheiro. Desse modo, no início de um enlace amoroso, existe o amor paixão, que se caracteriza pela idealização do ser amado. Se a relação permanece, ele se transforma em amor companheiro no qual prevalecem a ternura, a amizade, o companheirismo e o que se consolida por meio da convivência diária. Mas muitos sujeitos não se contentam com essa transformação e, crendo que o amor acabou, desfazem as suas uniões.

Em termos gerais, com base nas considerações tecidas sobre os relacionamentos amorosos e o amor, notamos que há uma tendência para que as relações amorosas sejam cada vez mais frágeis (BAUMAN, 2004; SMEHA; OLIVEIRA, 2013; GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006; JABLONSKI, 1991; CHAVES, 2010). Por outro lado, verificamos que o amor pode se transformar e permanecer no casamento (COMTE-SPONVILLE, 1999, 2011; JABLONSKI, 1991). Dessa forma, neste trabalho, objetivamos explorar aspectos pessoais da dinâmica amorosa de mulheres que estão casadas com os respectivos maridos desde os anos 1980 e as concepções delas sobre o passado, o presente e o futuro dos relacionamentos amorosos dos casais em geral. Posto isso, para atingirmos o referido objetivo apresentaremos a metodologia, os resultados e as análises encontrados neste estudo.

METODOLOGIA

PARTICIPANTES

Neste estudo de caso, entrevistamos duas mulheres de 48 e 52 anos, casadas, com filhos, pertencentes à classe média, no Espírito Santo. A escolha pela faixa etária se deveu ao fato de elas terem nascido nos anos 1960, vivido a adolescência e casado com os seus parceiros nos anos 1980. Esse momento sócio-histórico, conforme apresentamos, foi descrito por Lipovetsky (2005) como o despontar da era pós-moralista. Assim, inferimos que elas viveram e ainda vivenciam, de modo mais abrangente, as transformações sociais dessas últimas décadas. A preferência por mulheres com filhos visou à oportunidade de explorarmos as possíveis interferências dessa variável nos dados. Por fim, a opção pela classe média pautou-se na justificativa de que

esse segmento social, devido ao controle que exerce sobre os meios de comunicação e as artes, tende receber e difundir amplamente costumes, tradições e modos de conduta (JABLONSKI, 1991). Ademais, pertencer à classe média, segundo Braga (2012), está além da possibilidade de adquirir bens de consumo, pois os sujeitos que nela se inserem são capazes de produzir e de reproduzirem os valores culturais, reconhecem a importância da educação e procuram por informação.

PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Na coleta dos dados, utilizamos uma entrevista semiestruturada com perguntas sobre a dinâmica amorosa pessoal das entrevistadas e as concepções delas referentes ao passado, ao presente e ao futuro dos relacionamentos amorosos dos casais em geral. Selecionamos as participantes por meio de indicação e as entrevistamos em dia, horário e local escolhidos por elas. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas na íntegra. Apresentamos às mulheres um termo de consentimento livre e esclarecido que explicava os objetivos da pesquisa, a garantia do anonimato e assegurava que os resultados somente seriam utilizados para os fins deste estudo, podendo ser apresentados em congressos e/ou publicados em periódicos científicos. Esta pesquisa seguiu as normas éticas da Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 466/2012 (2012) e foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), campus de Goiabeiras, com o parecer de número: 419.793.

TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Priorizamos a análise qualitativa dos dados com base na sistematização proposta por Delval (2002). Assim, realizamos uma leitura flutuante dos protocolos das entrevistas, buscando identificar tendências gerais nas respostas das participantes. Feito isso, visando a uma melhor apresentação e discussão dos resultados, elaboramos, conforme o critério de semelhança entre as respostas, categorias de análise redigidas em itálico e entre aspas simples. Apresentamos o número de respostas ou de justificativas atribuídas a cada categoria, quando maior do que um, entre parênteses. Dessa maneira, quando o número de resposta ou justificativa for igual a um apenas assinalaremos o nome da participante. Destacamos que utilizamos os nomes fictícios Ana e Luzia, para nos referirmos às participantes.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentaremos e discutiremos os resultados por meio das perguntas realizadas às participantes, as quais destacamos em negrito e entre aspas simples. Ressaltamos que somente discutimos as categorias de análise que reuniram maior número de respostas atribuídas pelas entrevistadas e/ou que aliaram conteúdos relevantes para a área da Psicologia da Moralidade.

DO PRIMEIRO ENCONTRO À DECISÃO PELA COABITAÇÃO

Ana tem 48 anos, três filhos, dois netos, 28 anos de casada e é formada em magistério superior. Luzia tem 52 anos, três filhos, 26 anos de casada e é graduada em odontologia. Ambas não estavam exercendo as suas profissões na ocasião da entrevista. Ao perguntarmos a elas: **‘como você conheceu a pessoa que você convive?’**, vimos que Ana conheceu José no *‘ambiente de trabalho’*, quando tinha 18 anos e ele 22, e que Luzia conheceu Pedro em um *‘encontro casual’*, em uma escadaria, quando tinham, respectivamente, 22 e 25 anos.

Sobre a questão: **‘por que você escolheu essa pessoa para iniciar um relacionamento amoroso?’** Ana

e Luzia justificaram as suas escolhas amorosas com base nas *'características pessoais do parceiro'*, tais como a beleza física e o compartilhar o almoço (Ana, n=2) e a calma e a paciência (Luzia, n=3).

Além disso, Luzia referiu-se a *'afinidades pessoais'* (n=2), ou seja, a mesma faixa etária e o fato de que ambos eram dentistas, e aos *'sentimentos'* (n=4), a saber: o respeito, a simpatia, a empatia e a paz. Em suas palavras: “[...] o respeito que ele tinha por mim como pessoa [...] e acho a simpatia mesmo assim, foi é [...] A empatia que dá um com o outro, [...] e a paz que ele traz, não é? [...]”.

Lembramos que, nas pesquisas realizadas por Estrella (2011) e Alves et al. (2015), o respeito e o sentimento foram aludidos pelos jovens como conceito de amor. Ainda os participantes no estudo de Hendrick, Hendrick e Zacchilli (2011) relacionaram intimamente o respeito ao amor, sendo o primeiro compreendido como fundamental em um relacionamento amoroso.

Em se tratando de **'como foi a decisão pela convivência diária?'**, Ana e Pedro decidiram casar-se, com seis meses de namoro, ao descobrirem a *'gravidez'* de Ana. No caso de Luzia, ela decidiu coabitar com Pedro por causa da *'desobrigação'* em relação à sua família parental:

[...] Então, aquilo para mim eu me senti desobrigada, eu fiz tudo que eu podia fazer, eu me dava, até hoje para a minha família, eu me doo assim 100% [...] eu estava desobrigada de família eu não tinha, assim, sabe, eu não tinha mais o que pensar em ajudar, eu já tinha ajudado, feito de tudo até, eu ver o meu pai no caixão. Então, eu fiz por ele tudo em vida o que eu podia fazer, fiz por meus irmãos tudo o que eu pude fazer. [...] Então, quando eu olhei na minha mão direita a aliança aí eu falei “e, mas, agora?”. “Agora eu vou começar esse ciclo tudo novamente?” Pelo sofrimento da minha mãe, pela luta da minha mãe com o meu pai. Então, me deu um nó, eu acho que me deu, assim, um medo, entendeu? [...] Sim, decidi morar junto sem compromisso. [...] É, mas é assim, foi tão bom, foi tão confortante para mim e para ele, que nós resolvemos nos unirmos mesmo, não é? Casar no papel e tal.

Esse relato de Luzia vai ao encontro dos planos psicológicos, moral e ético, definidos por La Taille (2006), pois a entrevistada contemplou e insere a sua família como um fim em si mesmo, na sua vida. Além disso, aproxima-se da moral do dever, da renúncia e do sacrifício de si para com outro, explicitados por Lipovetsky (2005), já que Luzia sempre se doou para a sua família. E das jovens que aludiram o amor aos familiares e a doação como, respectivamente, exemplo e conceito de amor, no estudo de Alves et al. (2015).

A DINÂMICA AMOROSA DO CASAL

Ao indagarmos as mulheres se **'na sua vivência amorosa há ou não mudanças nas expressões do amor, da época do namoro para agora, que vocês convivem diariamente?'**, Ana e Luzia disseram que sim. Em relação a **'quais foram as mudanças?'**, elas alegaram que no casamento diminuíram os *'beijos e abraços'* (Ana, n=2, Luzia), a *'gentileza'*, ou seja, o marido sai para o trabalho, sem se despedir da esposa (Ana) e vai perdendo o hábito de dar flores e presentes (Luzia), e o *'carinho'* (Ana, Luzia, n=3). O relato de Luzia informa: *“Assim não, não da mais aquela atenção que dava antes, aquele carinho, aquela, sabe, porque se sente tão seguro do lado, que não, sabe, que acha que já está tudo ganho, está tudo certo. [...]”*.

Também Ana mencionou espontaneamente que a compreensão e o companheirismo permanecem no casamento. Assim sendo, ressaltamos que, tanto no estudo realizado por Estrella (2011) como na pesquisa de Alves et al. (2015), a compreensão foi citada como conceito de amor. Ainda em conformidade com as con-

siderações de Ana, constatamos em Jablonski (1991) a explicação de que o amor-paixão se transforma em o amor-companheiro e, portanto, este último pode permanecer no casamento.

Além disso, perguntamos a elas se **‘na sua vivência amorosa há ou não mudanças nos sentimentos, do período do namoro para agora, que vocês convivem diariamente?’** As duas mulheres declararam que sim. No caso de: **‘quais foram as mudanças?’**, Ana mencionou que no casamento o *‘ciúme’* por parte do marido aumentou e ainda ela e Luzia aludiram que no casamento o *‘amor’* se modificou. Segundo Ana: “[...] *depois do casamento se consolidou. A gente foi, eu acho, assim, que foi tratando, foi cuidando do amor porque o amor não é assim, não é? Se você não cuidar, ele morre. [...]’*. Na concepção de Luzia (n=2),

[...] parece que funde em uma coisa mais espiritual do que material. [...] Sabe, às vezes, eu abraço ele eu sinto o peito dele, o coração bater e eu falo, assim, “é meu esse coração”, sabe, como se fosse uma, uma coisa só. [...] não é intenso. É, um amor que você não é declarativo todos os momentos, isso vai se passando mesmo com o passar do tempo. [...] Mas, assim, parece que é mais espiritual, sabe, você olha para aquela pessoa e eu me vejo no Pedro e eu tenho certeza que ele me vê nele. Não sei se é com o passar do tempo. [...].

Esses esclarecimentos se avizinham às reflexões de Comte-Sponville (1999, 2011), ao mencionar a passagem do amor *éros*, a paixão insana do início do namoro, ao amor *phília*, o amor brando no qual amamos o que não nos falta, e ao explicar que, no amor *éros*, conforme Aristóteles, ansiamos fundir-nos à nossa metade perdida. Ademais, estão de acordo com Jablonski (1991), ao explicitar a mudança do amor paixão para o amor companheiro, no qual prevalece o que se consolida por meio da coabitação.

A PERCEPÇÃO DOS ENLACES AMOROSOS EM GERAL: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Perguntamos a Ana e a Luzia se: **‘em relação aos casais em geral, você acha possível ou não manter o amor na convivência diária?’** Elas disseram que sim. Em se tratando do **‘por que você acha possível manter o amor na convivência diária?’**, Luzia explicou que é possível, se houver *‘paciência’* e um *‘investimento diário na relação’*; e Ana destacou o *‘companheirismo’* (n=2), a *‘compreensão’*, o *‘respeito’* e o *‘carinho’*. Nas suas palavras:

[...] Bastam àquelas coisinhas principais, assim, compreensão, respeito, carinho, não é? [...] O marido e a mulher eles tem que caminhar na mesma direção, porque se [...] não vai dar certo nunca. [...] Então, se você caminha, se você respeita, se você tem carinho, se você tem compreensão, se você tem cumplicidade o amor está ali. [...] Está ali junto, entendeu?

Nos estudos realizados por Matos, Féres-Carneiro e Jablonski (2005) e Jablonski (1991,2010), o respeito foi mencionado como um elemento que contribui para a manutenção da união amorosa. Ademais, Costa e Mosmann (2015) constaram que o respeito e a compreensão são fatores relevantes para a união conjugal e que o companheirismo é construído ao longo da convivência. Na pesquisa de Estrella (2011) e no trabalho de Alves et al. (2015), o respeito foi ressaltado como conceito de amor. Ainda Hendrich, Hendrich e Zacchilli (2011) verificaram a associação entre o amor e o respeito. Por fim, vimos que a compreensão (ALVES et al. 2015; ESTRELLA, 2011) e o carinho foram sublinhados como concepção de amor (ESTRELLA, 2011).

Sobre a pergunta **‘em relação aos casais em geral, pensando em casais mais velhos e nos de nossa geração, você acha que houve ou não mudanças no relacionamento amoroso?’**, Ana e Luzia responderam que sim. No que se refere a **‘quais foram as referidas mudanças?’**, elas explicaram que atualmente existe uma *‘instabilidade no casamento’*, (Ana, n= 7, Luzia, n= 4), já que essa instituição não é mais sólida como era antigamente e, hoje, muitas pessoas se casam devido ao exibicionismo que uma cerimônia de casamento pode oferecer. Em suas palavras:

[...] eles já pensam em casar hoje e separar amanhã, “se não der certo, eu separo amanhã.” [...] a pessoa virar para você e falar, assim, “mas, não tem problema, porque se não der certo, amanhã a gente separa.” [...] Porque muitas pessoas casam não é por causa do sacramento, por causa do matrimônio, do casamento, da relação a dois, e sim por causa de uma festa, de um vestido de noiva, daquele monte de presentes, daquele monte de convidados [...] Mais, pela aparência, entendeu? [...] (Ana).

[...] nos relacionamentos de hoje. Eu não vejo, assim, uma coisa sólida [...] Você não vê mais, assim, um relacionamento em longo prazo, [...] Hoje em dia, você não tem mais aquela obrigação do casamento de antigamente, não deu certo separa [...] o casamento não é mais uma família indissociável, hoje em dia. Você vai até onde der, quando não der mais você separa, independente de filho, independente de questão financeira [...] (Luzia).

Recordamos que na ‘cultura do tédio’, enfatizada por La Taille (2009), e na ‘moral do espetáculo’, sublinhada por Costa (2004), as instituições tradicionais, como o casamento, perdem estabilidade. Tal fato contribui para o desinteresse em relação aos projetos de vida em longo prazo e para a efemeridade nas relações amorosas. Também Bauman (2004) explicou que, na atualidade, os enlaces românticos duradouros são inviáveis, pois cerram as portas para outras possibilidades amorosas mais vantajosas. Assim, as uniões tornaram-se fugazes, sendo mantidas até quando forem satisfatórias (GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006), caracterizadas pela descartabilidade, pela impulsividade na tomada de decisões (SHEMA; OLIVEIRA, 2013) e pela instabilidade, devido ao aumento e à facilitação da separação (CHAVES, 2010).

Ainda constatamos que a ausência de obrigação com o casamento pode ir ao encontro das reflexões de Lipovetsky (2005), ao considerar que, na moralidade pós-moderna, a falta de obrigação para com outrem é legítima. Isso pode trazer implicações no plano ético, definido por La Taille (2006), no qual o outro deve ser contemplado como um fim em si mesmo. O casamento visando ao *glamour* da cerimônia está em conformidade com a ‘cultura da vaidade’ (LA TAILLE, 2009) e com a ‘moral do espetáculo’ (COSTA, 2004), nas quais as pessoas tendem a imitar o estilo de vida das celebridades.

Também Ana (n=4) e Luzia (n=2) explanaram mudanças que ocorreram nos *‘sentimentos’*. Dessa maneira, Ana explicou que antes a maioria das pessoas buscava o sentimento e considerava que o amor era verdadeiro e que, nos dias de hoje, já não há mais respeito. Por sua vez, conforme salienta Luzia, na contemporaneidade as pessoas se apaixonam rapidamente e o sentimento está paralelo aos valores financeiros. Em seu relato:

[...] As pessoas hoje são muito imediatas. Elas sentem assim um? Eu acho que não seja nem amor, é paixão, se apaixonadamente, depois deixa, já, já. Eu acho assim que hoje em dia o sentimento está muito paralelo a valores financeiros, sabe, então se a pessoa tem um bem maior ela já deixa aquele que tem menos. [...].

Vimos que Jablonski (1991), Costa (2004) e La Taille (2009) destacaram a velocidade em que as coisas se sucedem no contemporâneo e que tal fato se estende às relações amorosas. Bauman (2004) comparou os enlaces amorosos aos demais investimentos financeiros e alegou que eles seguem a lógica capitalista em que os produtos devem ser consumidos e descartados rapidamente. Ainda na pesquisa de Chaves (2010) os jovens expuseram a comercialização dos relacionamentos como um dos motivos para as mudanças nos enlaces amorosos.

Além do mais, as duas mulheres aludiram que atualmente há a *'ausência de compromisso para com outrem'*, pois, para Luzia (n=3), “[...] as pessoas hoje querem liberdade. Eu acho que querem um amor, assim, não é? À jato, todo mundo quer ser feliz, mas não quer compromisso. [...]”. E Ana (n=3) comenta:

[...] o homem vai atrás da mulher, muitas vezes só para sexo, não quer um compromisso, quer a pessoa só, assim, aquele objeto não tem? “Ele é meu e acabou.” [...] é aquele assim, é o meu, não juntou para fazer o nosso. “Esse é meu e esse é seu e acabou.” [...] Não é a construção do nosso. [...] Então, eu vejo mais por esse lado, a diferença do ontem para o hoje.

Segundo Lipovetsky (2005), a lógica que rege a moral do pós-dever caracteriza-se pela busca da felicidade individual, que contribui para a dissolução do senso de responsabilidade moral para com o outro. Costa (2004) explicou que, na *'moral do espetáculo'*, o sujeito é insensível aos compromissos para com outrem, que apenas lhe interessa de forma instrumentalizada. Também no trabalho de Chaves (2010) os jovens esclareceram que a ausência de compromisso entre as pessoas define as relações amorosas, devido ao individualismo e à busca pela autossatisfação. E, no estudo de Smeha e Oliveira (2013), os jovens mencionaram buscar um parceiro que corresponda suas expectativas de prazer e de felicidade e consideraram as relações atuais, dos casais em geral, como caracterizadas pela individualidade e pela liberdade.

Por fim, Luzia citou a *'infidelidade masculina'* alegando que antigamente as esposas perdoavam as infidelidades dos maridos, pois elas tinham uma família a respeitar, e a *'emancipação feminina'* (n=9), isto é, o ganho de autonomia sexual, financeira e emocional da mulher, que pode influenciar o comportamento masculino, em relação ao sexo oposto, conforme ela destacou:

[...] Hoje a mulher tem tanto a, a disponibilidade de fazer sexo quanto o homem [...] Você tem tanto direito de ir na rua quanto o homem e chegar de madrugada e ir no bar. Antigamente isso não existia. [...] Então, subentende-se que a mulher está com o poder na mão tanto, na vida é, material quanto na vida sentimental [...] tanto é que, o que está acontecendo, os homens agora? [...] Esse, o provedor, o dono, não é? O patriarcal, que cuida da família, da mãe, dos filhos. [...] o homem está muito volúvel, o homem está sem saber para que rumo ele toma diante das mulheres hoje em dia. [...].

Essas explanações estão de acordo com as mudanças no modo de vida feminino, que colaboram para a crise nos relacionamentos amorosos, conforme enfatizaram Jablonski (1991) e Guedes e Assunção (2006). Lembramos ainda que o avanço da liberdade e da independência feminina foi destacado como um dos elementos que colaboraram para as transformações nas relações amorosas (CHAVES, 2010).

Posto isso, indagamos às mulheres: *'por que você acha que houve as referidas mudanças no relacionamento amoroso?'* Ana justificou a sua resposta mencionando as mudanças ocorridas no *'comportamento entre os sexos'* (n=7) que contribuem para as divergências familiares, a saber: o fato de que atualmente as mulheres estão priorizando a liberdade e a independência financeira em detrimento das responsabilidades com o lar e com os filhos e que há homens que não se sentem mais responsáveis em prover financeiramente

uma família. Já Luzia destacou a influência da *'mídia e avanço tecnológico'* (n=5):

Mídia? [...] Acho que é a mídia, essa tecnologia que chegou com tudo, não é? É tudo, tudo, é você tem notícias do mundo, você tem tudo a seu dispor, um segundo a seu dispor [...] então, você tem n oportunidades de conhecer, não é? Dentro da sua casa você conhece três, quatro, cinco, sites de relacionamento, tudo isso. Eu acho que isso ficou muito volúvel para as pessoas, não é? Você olha você escolhe o que você quer o parceiro que você quer alguma coisa assim. [...].

Ressaltamos que Costa (2004), Lipovetsky (2005) e Guedes e Assunção (2006) enfatizaram a função da mídia na difusão dos modos de vida que, no contemporâneo, estão em voga. No estudo de Costa e Mosmann (2015) os entrevistados explicaram que a mídia pode contribuir para a efemeridade nas relações amorosas. Guedes e Assunção (2006) ainda destacaram o aumento dos dispositivos tecnológicos que, segundo Bauman (2004), contribuem para o estabelecimento das relações amorosas virtuais que podem ser facilmente tecidas e desfeitas. Dessa maneira, parece que estamos perdendo a capacidade de nos engajarmos em relacionamentos em longo prazo.

Sobre a questão **'como você imagina o futuro das relações amorosas, dos casais em geral?'**, Ana expôs que o *'amor'* vai continuar existindo. Contudo, Ana (n=3) e Luzia (n=3) relataram que os enlaces amorosos serão caracterizados pela *'fragilidade dos vínculos'*, ou seja, serão pautados no individualismo, conforme as explicações de Luzia: *"[...] Eu acho que o nosso futuro vai ser cada um para si [...] cada um independente, cada um com o seu carro, cada um cuida da sua vida. [...]"*; e na busca pelo prazer, pelo sexo e por interesses financeiros, nas palavras de Ana:

[...] Do prazer, isso, do material. [...] É, do material também porque você vê que tem quantos casamentos por interesse? [risos], não é? Tem muitos casamentos por interesse, ai eu tenho um carro, uma casa, é eu tenho um bom trabalho, muitas vezes, não só a mulher, mas o homem também, você sabe que tem muito homem interesseiro, não é? Então quer dizer vai ser por esse lado. É sexo, é prazer, é bem material, só essas coisas assim.

Segundo La Taille (2006) e Costa (2004), no contemporâneo as tradições do passado, como a família tradicional, perdem relevância. Assim, La Taille (2009) explicou que as pessoas podem tornar-se hedonistas em busca de prazeres fugazes que, conforme Lipovetsky (2005), são legitimados, valorizados e desculpabilizados. Ademais, na investigação de Chaves (2010) os jovens enfatizaram a facilidade em que as relações sexuais ocorrem, a busca pelo prazer imediato e a comercialização dos relacionamentos. Nesse contexto, Costa (2004) argumentou que o outro é visto como um instrumento por meio do qual é possível alcançar vantagens econômicas e sociais.

Luzia também disse que no futuro haverá *'novos arranjos familiares'* (n=3), como os casamentos homossexuais, as famílias monoparentais, e que os casais vão morar em casas separadas. Dessa maneira, ela explicou:

Então, já estão tomando, não é? São esses casamentos, homem com homem, mulher com mulher. Eu acho que assim, é o padrão social já não vai mais existir [...] nós vamos partir para relacionamentos abertos. [...] sabe, você ter filho, é fazer uma opção. Você vai em um banco, não é? Engravidar, vem, tem seu filho, ele é teu, não é de ninguém. [...] É cada um na sua. Você tem um esposo, mas ele tem a casa dele e você tem a tua. [...] cada um quer ter a sua individualidade a cada vez mais.

No estudo realizado por Smeha e Oliveira (2013), os jovens alegaram que no futuro as relações amorosas serão pautadas no individualismo, na busca pela realização pessoal, os casais vão morar em casas separadas e haverá vários padrões de relacionamento, como o homossexualismo. Terminadas a apresentação e a discussão dos resultados deste estudo, teceremos as nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, com base nos relatos das duas mulheres, verificamos que, em relação às suas vivências pessoais, elas salientaram aspectos que colaboram para a construção e a manutenção do vínculo amoroso, a saber: o compartilhar, o respeito, a simpatia, o companheirismo, a cumplicidade, o cuidado, a consolidação do amor no casamento e a compreensão.

Por outro lado, em se tratando das características atuais dos relacionamentos amorosos dos casais em geral, elas aludiram a aspectos que sinalizam a fragilidade dos vínculos, como o individualismo, o imediatismo, as relações pautadas em valores financeiros, a busca da felicidade e da liberdade individual e a falta de compromisso para com o outro. Ainda proferiram que no futuro as relações amorosas serão baseadas na busca pelo prazer, por interesses financeiros e que haverá novos arranjos familiares, como as uniões homossexuais, as famílias monoparentais e os relacionamentos abertos.

Dessa maneira, Ana e Luzia projetaram a fragmentação das relações amorosas para o contexto em geral e preservaram a consistência do vínculo em suas experiências particulares. Dessa maneira, indagamo-nos se encontraríamos resultados semelhantes, se entrevistássemos um número maior de participantes, de diferentes faixas etárias ou do sexo oposto.

Ressaltamos que os aspectos atribuídos por elas às relações amorosas em geral, se confirmadas por meio de uma amostra mais ampla, podem trazer implicações para os planos psicológicos ético e moral (LA TAILLE, 2006), já que no contemporâneo se tende a não priorizar a construção dos vínculos em longo prazo (BAUMAN, 2004; COSTA, 2004; LA TAILLE, 2009), em que o outro, como pessoa digna de consideração e de respeito deve ser inserido (COSTA, 2004; LA TAILLE, 2006,2009). Assim, o sentimento de obrigatoriedade para com outrem perde a sua energética (LA TAILLE, 2006), pois os elementos que vêm responder à pergunta 'que vida quero viver?', a qual se relaciona com a indagação 'como devo agir?', são o individualismo, o prazer (LIPOVETSKY, 2005; SMEHA; OLIVEIRA, 2013; CHAVES, 2010) o sexo (CHAVES, 2010), a liberdade (SMEHA; OLIVEIRA, 2013; CHAVES, 2010), a felicidade (LIPOVETSKY, 2005; SMEHA; OLIVEIRA, 2013) e a busca pela autonomia (JABLONSKI,1991; GUEDES;ASSUNÇÃO, 2006) e por bens materiais (COSTA, 2004; BAUMAN, 2004; CHAVES, 2010).

Verificamos ainda que, pautados nos relatos das entrevistadas, as mudanças ocorridas nos comportamentos entre os sexos, como o aumento da liberdade sexual e da autonomia sentimental e financeira feminina, a busca da mulher pela realização profissional e a falta de compromisso de alguns homens com a subsistência do lar, estejam contribuindo para os conflitos nos relacionamentos amorosos nos dias atuais. Desse modo, sugerimos a realização de trabalhos que investiguem, com homens e mulheres, a concepção dos papéis de homens e de mulheres e o modo como isso pode influenciar na vida amorosa das pessoas.

Por fim, ressaltamos que esta pesquisa, apesar de ser um estudo exploratório com um pequeno número de participantes, colabora com as reflexões no campo da Psicologia da Moralidade e pode fornecer subsídios teóricos para profissionais de diferentes áreas como a psicologia e a educação que realizam trabalhos com a temática das relações amorosas e/ou da moral e da ética.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. D. et al. Concepção de amor e moralidade: estudo sob a ótica de jovens adultas. **ARIÚS - Revista de Ciências Humanas e Artes**, Campina Grande, v. 21, n. 1, jan-jun. 2015. Disponível em: <<http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/>>. Acesso em: 17 de abr. 2016.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BRAGA, T. V. M. A nova classe média no Brasil: reflexões acerca de suas expectativas. **Gestão & Sociedade - Revista de Pós-Graduação da UNIABEU**, Belford Roxo, v. 1, n. 2, ago-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/gs/article/view/386>>. Acesso em: 06 de nov. 2016.
- BRASIL. Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: MS, 2012. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_12.htm>. Acesso em: 08 de nov. 2016.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CHAVES, J. C. A percepção de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, abr. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000100004>. Acesso em: 01 de nov. 2016.
- COMTE-SPONVILLE, A. **O amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- COSTA, C. B.; MOSMANN, C. P. Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200003>. Acesso em: 01 de nov. 2016.
- COSTA, J. F. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DELVAL, J. **Introdução à prática do método clínico**: descobrindo o pensamento das crianças. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.
- ESTRELLA, N., R. Significado del Amor en la Adolescencia Puertorriqueña. **Acta de Investigación Psicológica**, México, v. 1, n. 3, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-48322011000300008>. Acesso em: 24 de out. 2016.
- GUEDES, D.; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Revista Mal – Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n. 2, set. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200007>. Acesso em: 25 de out. 2016.
- HENDRICK, C.; HENDRICK, S. S.; ZACCHILLI, T. L. Respect and Love in Romantic Relationships. **Acta de Investigación Psicológica**, México, v.1, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-48322011000200008>. Acesso em: 01 de nov. 2016.
- JABLONSKI, B. **Até que vida nos separe**: a crise do casamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Agir, 1991.
- JABLONSKI, B. A divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v30n2/v30n2a04.pdf>>. Acesso em: 02 de nov. 2016.
- LA TAILLE, Y. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.
- LA TAILLE, Y. **Formação ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

LIPOVETSKY, G. **A sociedade pós-moralista**: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Barueri, São Paulo: Manole, 2005.

MATOS, M.; FÉRES-CARNEIRO, T.; JABLONSKI, B. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares carioca. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 1, jan-jun. 2005. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3283/2627>>. Acesso em: 06 de nov. 2016.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 15, n. 2, maio-ago. 2013. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/4298>>. Acesso em: 31 de out. 2016.